

DEIXARAM MORRER OS CRAVOS DOS POBRES

I

Discorreram 12775 dias,
Desde aquela alvorada,
Tão genuinamente ansiada.
P'lo povo foi alvorçada,
Inopinadamente participada,
P'ra aclamar as utopias,
Por entre vivas e alegrias.

II

Foi há 35 Primaveras,
Que os capitães sem temor,
Rumaram à capital do Império.
Aportaram ao sítio d'onde partiam,
P'rá África das vãs quimeras,
P'rá guerra já sem fervor,
De vileza e vitupério.

III

Fizeram acenos à liberdade,
À igualdade de oportunidades,
À vida digna nas comunidades.
Distribuíram um novelo de mitos,
Protagonizaram um sem fim de ritos,
Figuraram a revolução,
Com cravos prenes de ilusão.

IV

Hoje revivo as tuas memórias, Abril,
Já peçadas de desventuras mil;
Vivo-te a preto e branco.
A tua confiança já desbotou,
A tua verdade desmaiou;
Com o pouco colorido que restou,
Pincelo uma réstia de esperança,
Numa tela que fantasia a mudança.

V

Vejo-te à distância sem ressentimentos,
Mas já com outros sentimentos,
Por momentos.
É que os sonhos e os mitos adormeceram,
Será que definitivamente pereceram?

VI

Os 25 de Abril estão em coma cavados,
E nisso há muitos implicados;
Todos os que, cúmplices ou alheados,
Deixaram a verdade adormecer,
E os cravos dos pobres morrer.

Eu fui um deles

Coimbra, 21 de Abril de 2009

António Inácio Correia Nogueira